



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

A POLÍTICA DA NEGAÇÃO E A MEMÓRIA DISCURSIVA: A CAMPANHA FEMINISTA #ELENÃO

Sidnay Fernandes dos Santos Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: sfsantos@uneb.br

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é analisar textos que circularam no interior da campanha feminista brasileira “hashtag Ele Não”, no período que antecedeu as eleições presidenciais de 2018, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa. Essa campanha começou no *Facebook*, por meio da criação do grupo denominado “Mulheres unidas contra Bolsonaro”. Esse grupo foi fundado em 30 de agosto de 2018 pela publicitária Ludmilla Teixeira e pela empresária Rosa Lima, com o objetivo de mobilizar mulheres, em atos e passeatas, contra o candidato a presidente pelo PSL, Jair Bolsonaro¹. Foram criados também uma página no *Facebook* e um *blog* com o mesmo nome do grupo. A maior manifestação política feminina do Brasil foi idealizada por este grupo e ocorreu nas ruas de várias cidades brasileiras no dia 29 de setembro de 2018. Tendo em vista esses acontecimentos, esta pesquisa objetiva interpretar a produção de sentidos que se dá pela força da negação (não, nunca, jamais) e busca investigar como a memória é atualizada em materialidades discursivas dadas a circular por conta da campanha #EleNão. Para responder a essas questões, elege-se, em primeiro plano, os conceitos “interdiscurso” (Pêcheux) e “memória discursiva” (Courtine).

METODOLOGIA

Como este estudo filia-se à Análise de Discurso, o constante “ir e vir” entre teoria e análise e a abordagem simultânea das práticas de descrição e de interpretação são procedimentos que norteiam o percurso metodológico do trabalho. A constituição do *corpus* analítico está pautada numa perspectiva arquivística (FUCHS & PÊCHEUX, 1975) e tomamos o ciberespaço como um arquivo de leitura. Para tal, consideramos a

¹ Informações disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-tem-1-milhao-de-membros-no-facebook/>. Acesso: 22 de maio de 2019.



concepção pecheuxtiana de arquivo, no sentido amplo, como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 1994, p. 57). Para constituir o *corpus* e analisar os dados, mobilizamos a categoria “percursos de sentido” (Maingueneau) e as caracterizações dos conceitos “destacamento” (Maingueneau) e “fórmula discursiva” (Krieg-Planque). Para Maingueneau (2008, p.11-26), percursos de sentido são unidades de análise discursiva não tópicas, cujos tratamentos, atualmente, “são consideravelmente facilitados pela existência de programas de informática que permitem tratar *corpora* muitos vastos”. O autor apresenta dois tipos de percursos - formal e percursos fundados - e o que mais nos interessa é o segundo tipo porque abordamos elementos lexicais e textuais, observando as retomadas/transições/recontextualizações da pequena frase “Hashtag Ele Não” - e, em especial, do advérbio de negação - em uma série de discursividades. Tais procedimentos possibilitaram-nos atravessar múltiplas fronteiras, circular no interdiscurso e encontrar elementos particularmente propícios às “interpretações fortes”. E, nessa trajetória, organizamos nosso *corpus* e realizamos nossa análise tendo em vista três acontecimentos discursivos: i) a campanha #EuNãoMereçoSerEstuprada (2014); ii) o episódio de agressão verbal de Jair Bolsonaro contra a deputada federal Maria do Rosário (2003; 2014); iii) a campanha feminista #EleNão (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, questionamos quais as condições sócio históricas que possibilitaram a emergência do enunciado #EleNão e os motivos da forte adesão de muitos sujeitos discursivos (não só mulheres) a este dizer, colocando-o, num curto período temporal, em intensa circulação em variados suportes materiais e, conseqüentemente, atribuindo-lhe grande poder de enunciabilidade.

Em termos estruturais, tem-se a junção de um símbolo, de um pronome pessoal na terceira pessoa do singular (masculino) e do advérbio de negação. O uso de advérbios de negação como signos de resistência ao “universo” patriarcal não é recente. Mas, com foco em nosso recorte e neste acontecimento discursivo, citamos uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a violência contra as

mulheres e divulgada em 27 de março de 2014. O resultado da pesquisa “mostra que 58,5% dos entrevistados concordam totalmente (35,3%) ou parcialmente (23,2%) com a frase ‘Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros’”; mostra também que” 65,1% concordam inteiramente (42,7%) ou parcialmente (22,4%) com a frase "Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas", enquanto 24% discordam totalmente, 8,4% discordam parcialmente e 2,5% se dizem neutros”². Assim que o resultado da pesquisa foi divulgado (um dia após), surge uma campanha nas redes sociais utilizando a *hashtag* #EuNãoMereçoSerEstuprada, que consistia na postagem de fotografias do busto de mulheres seminuas segurando um cartaz com os dizeres da *hashtag*.

Figura 01: Campanha #EuNãoMereçoSerEstuprada



Fonte: <https://limpinhoecheiroso.com/2014/04/02/eunaomerecoserestuprada-pesquisa-gera-revolta-e-populacao-reage-nas-redes-sociais>. Acesso: 11 de maio de 2019.

No dia 04 de abril deste ano (2014), o IPEA reconhece que houve erro “causado pela troca dos gráficos relativos aos percentuais das respostas às frases *Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar* e *Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas*”³. Após retificação do erro, os dados corretos são 26% e não 65% os que apoiam ataques a mulheres. Mesmo assim, o próprio IPEA admite que o erro não muda a necessidade de se debater a temática no Brasil.

²Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=12080&limit=10. Acesso: 10 de maio de 2019.

³ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971

Em 2014, o advérbio de negação e o verbo “merecer” aparecem no enunciado produzido pelo deputado Jair Bolsonaro e direcionado à colega Maria do Rosário. Nesse episódio, um sujeito discursivo do sexo masculino retoma signos verbais já ditos antes por ele mesmo e atualiza os sentidos da agressão: “Eu não te estupro porque você não merece”.

No ano de 2018, o deputado Jair Bolsonaro se candidata à Presidência da República e as pesquisas indicam alta rejeição pelo eleitorado feminino: “Cresce a rejeição das mulheres a Jair Bolsonaro, aponta pesquisa Datafolha. O candidato do PSL é o que tem a maior disparidade entre o voto de homens e mulheres”⁴.

Neste cenário pré-eleitoral, surge a campanha #EleNão e uma das primeiras imagens que figuraram como foto de capa da página “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” foi esta:

Figura 02: Imagem de capa da Página no Facebook em 16 set.2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/MulheresUnidasContraBolsonaroOficial/photos/a.335072690398186/335072637064858/?type=3&theater>. Acesso: 11 de maio de 2019.

Esse texto ganhou grandes potencialidades enunciativas e, em muitas retomadas, novas formulações se apresentavam. Essa composição imagética - o ícone “proibido” em roxo sobre a fotografia do candidato em tom preto e branco – é outro modo de dizer “Ele Não”. E esses elementos imagéticos, via destacamento, ganharam “autonomia textual” em muitas discursividades. Novas formulações e (re) contextualizações desse enunciado também são dados de análise em nossa pesquisa.

⁴Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/eleicoes-2018/cresce-a-rejeicao-das-mulheres-a-jair-bolsonaro-aponta-pesquisa-datafolha-807n3rs1ni7pv4tt03y5yrop1>. Acesso: 11 de maio de 2019.



CONCLUSÃO

Neste gesto de investigação dos modos como a memória é atualizada em materialidades discursivas que circularam no íterim da campanha #EleNão, constatamos quão forte é a negação para atribuir a um enunciado possibilidades de ser destacado e de adquirir “autonomia textual”. A negação funciona, assim, como uma resposta a um discurso outro que precisa ser desautorizado; ela é, em nosso *corpus*, um elemento linguístico que materializa sentidos de resistência produzidos em prol do “universo” feminino. A resistência é, pois, interpretada na perspectiva de Courtine (1981) pelas vias do domínio de memória /interdiscurso, do domínio da atualidade e do domínio da antecipação.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Discursiva; Negação; Mulheres; #EleNão.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.J. **Analyse du discours politique**. Langages, n. 62. Disponível em: www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/catedras/linguistica. Acesso em 09 jun 2008.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. Tradução: Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1994.